

CONEXÕES ENTRE LÍNGUA E IDENTIDADE: UM OLHAR ACERCA DOS ESTUDOS DE LABOV EM *MARTHA'S VINEYARD*, E A RELAÇÃO ENTRE O NEGRO E A LINGUAGEM EM FRANTZ FANON

Airton Santos de Souza Junior¹

Resumo: Considerando ser o fenômeno da linguagem um repositório de valores e significados culturais conforme pontua Stuart Hall (2016), o presente estudo tem por objetivo demonstrar a existência de uma relação íntima entre língua e identidade, partindo para isso dos trabalhos de Labov (2008) desenvolvido no período de 1991/1992 na ilha de *Martha's Vineyard*, e Frantz Fanon (2008) acerca da relação entre o negro e a linguagem abordada em um dos capítulos da obra *Pele negra, máscara branca*. Toma-se como aporte para as discussões os estudos de Bauman (2005), Fanon (2008), Gusdorf (1976), Hall (2006) (2016), Labov (2008) e Lott (2013). De modo, que pôde-se, portanto perceber que as fronteiras que segregam o estudo da língua e da identidade são consideravelmente tênues, tendo em vista que também as marcas identitárias encontram-se abrigadas/resguardadas na língua. Sendo assim, tornou-se possível constatar que de fato há uma relação íntima entre língua e identidade evidenciada tanto em Labov (2008), quanto em Fanon (2008), aonde respectivamente, o processo de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ representa um movimento de resistência e preservação de uma identidade linguística, e a apropriação da língua francesa por parte do negro antilhano muito mais que a tomada de um novo código linguístico, representa a tentativa de ocupar uma cultura e identidade **privilegiada**.

Palavras-Chave: Língua(gem). Identidade. Confluências.

Considerações iniciais

Levando em consideração o que pontua Hall (2016) ao afirmar ser o fenômeno da linguagem um repositório de valores e significados culturais, entendemos que falar sobre uma língua não significa unicamente discutir categorias morfológicas, fonológicas e sintáticas, pertencentes à estrutura imanente da língua, mas significa também conhecer as formas que o outro utiliza para representar o mundo, seus valores, identidade e cultura.

Nesse sentido este trabalho objetiva a realização de algumas discussões visando demonstrar a existência de uma relação íntima entre língua e identidade, partindo, portanto de dois estudos: sendo um realizado pelo sociolinguista William Labov (2008) acerca da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ numa comunidade de fala localizada na ilha de *Martha's Vineyard*, e o outro pelo estudioso Frantz Fanon (2008) no que se refere à relação entre o negro e a linguagem. Desse modo toma-se como ponto de partida para o

¹ Mestrando em Letras - Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre/UFAC. Email: airton.airtonsantos.santos09@gmail.com

debate as contribuições de Bauman (2005), Fanon (2008), Gusdorf (1976), Hall (2016) (2006), Labov (2008) e Lott (2013).

Considerando a dificuldade de se discutir um termo tão amplo como identidade, carregado de múltiplas subjetividades, neste estudo tomaremos como enfoque para o termo os sentidos construídos em torno dele por Zygmunt Bauman, que primeiramente revela que não existe identidade no singular, cunhada homogeneamente, mas que existem identidades, conforme destacado no seguinte trecho:

Minha colega de trabalho e amiga Agnes Heller, com quem compartilho, em grande medida, os apuros da vida, uma vez se queixou de que sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades de mais para uma só pessoa. (BAUMAN, 2005, p. 19.).

Nessa lógica, de acordo com Bauman, observamos que uma só pessoa pode assumir mais de uma identidade, o que por sua vez dialoga com a concepção de identidade apresentada por Hall (2006, p. 10) centrada no sujeito pós-moderno; possibilidade que vai ao encontro, também, dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos por meio da língua, tendo em vista que diariamente as pessoas não assumem uma única variedade linguística e a tomam como padrão, mas assim como as identidades que podem ser assumidas por um único indivíduo, também ao longo do cotidiano uma única pessoa assume diversas variedades linguísticas.

Vale ressaltar, ainda, que o conceito de identidade(s) tal qual exposto aqui não é algo que preexisti ao homem, como um elemento de natureza essencialística, mas assim como na corrente existencialista Sartreana cuja existência precede a essência, isto é, “em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define”. (SARTRE, 1970, p. 04). Assim também são as identidades construções, algumas de nossas escolhas, outras impostas, edificadas historicamente, temporalmente e convencionalmente pelo homem no meio social.

O pertencimento e a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em

nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19).

Diante disso pretendemos, portanto apresentar neste estudo as conexões existentes entre língua e identidade(s), partindo do entendimento de que ao estudar uma língua mais que analisar categorias formais imanentes ao sistema linguístico, também há a possibilidade de se estabelecerem discussões sobre categorias como cultura e identidade, tendo em vista que ambas embora não única e exclusivamente são representadas por meio da língua(gem).

A motivação social de uma mudança sonora: a língua como marcação da identidade de uma comunidade

Antes de iniciar as discussões sobre a relação língua e identidade(s) partindo das considerações feitas por Labov (2008) em um de seus estudos, na intenção de esclarecer como o pesquisador chegou à conclusão de que há um aumento na centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade da ilha de *Martha's Vineyard*, e que esse aumento tem por explicação um processo de resistência e marcação de uma identidade local, torna-se necessário apresentar (ainda que de forma sucinta) o proceder do pesquisador para obtenção desses resultados.

Como já fora mencionado no parágrafo anterior, "A motivação social de uma mudança sonora" corresponde ao estudo desenvolvido por Labov (2008) no que se refere à alteração, centralização, na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachusetts conforme se apresenta na figura I:

Figura I: Localização da Ilha de Martha's Vineyard



Fonte: Carte... (2005).

Quanto às motivações que levaram Labov em direção a Ilha, o pesquisador destaca que:

A ilha de Martha's Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts) foi escolhida como laboratório para uma investigação inicial dos padrões sociais na mudança linguística. Martha's Vineyard tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por umas boas três milhas (cerca de cinco quilômetros do oceano atlântico). Ao mesmo tempo, Vineyard é social e geograficamente complexa o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico. Também temos a sorte de contar com os registros do Linguistic Atlas of New England (doravante abreviado LANE) como um pano de fundo para investigação. Já faz mais de trinta anos que Guy Lowman visitou Martha's Vineyard; suas entrevistas com quatro membros das velhas famílias da ilha nos dão uma base firme da qual partir e um lapso temporal de uma geração inteira, o que faz aumentar consideravelmente a solidez das conclusões que podem ser tiradas. (LABOV, 2008, p. 22).

De acordo com o estudioso na época da pesquisa 1961/1962 os 6.000 vineyardenses que constituíam a população da ilha dividiam-se em quatro grupos étnicos, dos quais, três foram considerados como variáveis no estudo do pesquisador:

- Ingleses
- Portugueses
- Indígenas

Desses três grupos étnicos Labov entrevistou 42 (quarenta e dois) descendentes de famílias inglesas que se estabeleceram na ilha entre os

séculos XVII e XVIII, 16 (dezesesseis) descendentes de portugueses, segundo o autor, imigrantes dos açores, da madeira e do Cabo Verde, ressaltando ainda, que embora existam descendentes de portugueses nas demais regiões do Estado de Massachusetts, *Martha's Vineyard*, em época, apresentava o percentual mais elevado em comparação com os demais municípios do estado.

E por fim 9 (nove) descendentes de indígenas. O quarto grupo étnico identificado por Labov, embora não considerado na pesquisa, diz respeito ao número de veranistas, que segundo o autor, naquele período correspondia a um quantitativo de cerca de 42.000 que invadiam a ilha nos meses de junho e julho todos os anos.

No que tange aos dados obtidos e utilizados para a construção das hipóteses desenvolvidas durante a pesquisa, Labov (2008) destaca que as informações básicas foram reunidas por meio de 69 entrevistas realizadas com falantes nativos da ilha, desenvolvidas durante três períodos, agosto de 1961, final de setembro-outubro de 1961, e janeiro de 1962. Os grupos ocupacionais mais relevantes da ilha naquele contexto encontram-se representados na tabela I abaixo:

Tabela I: Grupos Ocupacionais de Martha's Vineyard 1961/1962

Pesca	14
Agricultura	8
Construção	6
Ramo de Serviços	19
Profissionais Liberais	3
Donas de Casa	5
Estudantes	14

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de (LABOV, 2008, p. 32).

Conforme a tabela acima podemos perceber que as atividades ocupacionais que caracterizavam a ilha se distanciam das ocupações que constituem uma cidade industrializada. Segundo (LABOV, 2008, p. 46). “Para entender Martha's Vineyard, é preciso, antes de tudo, reconhecer que se trata de um belíssimo lugar, um lugar onde dá vontade de morar”. Entretanto, segundo pontua o autor mais adiante não se trata de um lugar fácil para se

conquistar o estilo de vida que combina com o modelo de sucesso da sociedade americana moderna.

Labov destaca que o senso de 1960 mostra que se trata do município mais pobre de Massachusetts, com a média de renda mais baixa, o mais elevado número de pessoas pobres, e o menor de pessoas ricas, além de, ainda, obter o mais alto índice de desemprego e também o mais alto índice de emprego temporário. Nesse sentido, a economia da ilha se encontra muito dependente do turismo o que conseqüentemente gera certos “embates” entre os veranistas e os moradores nativos da ilha, pois “A crescente dependência em relação ao turismo de verão atua como uma ameaça à independência pessoal deles”. (LABOV, 2008, p. 48).

Nesse sentido, Labov revela que embora existam aqueles moradores nativos da ilha que vão ao encontro dos veranistas, tendo em vista, a contribuição destes junto à economia local, todavia existem “Aqueles que acreditam que a ilha lhes pertence de verdade, os descendentes das antigas famílias, têm de dar duro para segurar a barra. Os veranistas que ganharam muito dinheiro na cidade grande estão comprando a ilha toda”. (LABOV, 2008, p. 48).

Desse modo, observamos um processo de transição de atitudes que varia entre à aceitação, e a negação, frente às incursões dos veranistas, de tal modo que “O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência as incursões dos veranistas”. (LABOV, 2008, p. 48).

Nessa lógica o autor destaca que a maior resistência frente aos veranistas se apresenta nas áreas rurais, no grupo dos pescadores apresentados na tabela I, mais especialmente na região de Chilmark onde a pesca de fato ainda (naquele período 1961/1962) possuía um papel importante na economia. Labov relata que os Chilmarkenses se orgulham bastante de suas diferenças em relação aos moradores do continente

Vocês que vêm para cá, para Martha’s Vineyard, não entendem os costumes das velhas famílias da ilha... Costumes e tradições estritamente marítimos... E aquilo que nos interessa, o resto da América, essa parte do outro lado aqui da água que pertence a vocês e com quem nós não temos nada haver, se esqueceu completamente... Acho até que usamos um tipo de língua inglesa

totalmente diferente... Pensamos diferente aqui na ilha... É quase uma língua separada dentro da língua inglesa. (LABOV, 2008, p. 49).

Partindo da citação acima observamos claramente um processo de conflito que se instaura no fato de os veranistas vindos da “América” não compreenderem, e reconhecerem os valores e tradições do outro (nativos da ilha). De modo, que “Em grande medida, essa última declaração é a expressão de um desejo. Boa parte da diferença linguística dependia dos termos da vida baleeira, que agora são obsoletos”. (LABOV, 2008, p. 49). Dessa maneira, e em consonância com o que destaca, portanto o pesquisador, não surpreende que as diferenças fonéticas se tornem cada vez mais marcadas ao passo que o grupo luta e persiste por manter sua identidade linguística atrelada as tradições marítimas.

Assim podemos constatar a partir dos estudos realizados por Labov (2008) a existência de uma relação muito próxima entre língua e identidade(s), ou ainda, que a identidade(s) se encontra presente na língua, e dentre outras possibilidades de representação também é representada por meio dela, pois como pudemos verificar a alteração, centralização, na posição fonética dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade de fala da ilha de *Martha’s Vineyard* representa não apenas uma especificidade linguística dos falantes daquela região, mas também um processo de resistência e manutenção de uma identidade linguística local.

Diante disso, e partindo dessas considerações observa-se ratificado o posicionamento de Stuart Hall (2016) de que muito mais que um sistema que permite a comunicação, a linguagem também é um repositório de valores e significados culturais. Nessa lógica, concluímos então que nos embates gerados na tentativa de manter uma determinada identidade(s), a língua funciona como um elemento substancial para demarcar quem somos de onde viemos, e no que acreditamos, e isso ocorre, pois de acordo Gusdorf (1976) também o homem se constitui enquanto ser a partir da linguagem, a qual permite que representemos não somente o mundo, mas também a nós, de maneira que a língua se torna um elemento inseparável do próprio homem, como se apresenta, ainda, no trecho abaixo:

A língua carrega a cultura, e a cultura carrega, particularmente através da oratura e da literatura, todo o corpo de valores pelos quais vimos a perceber a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Como as pessoas percebem a si mesmas afeta como elas vêm a sua cultura, suas políticas, sua produção social de riqueza e toda a sua relação com a natureza e os outros seres. A língua é, portanto, inseparável de nós mesmos como uma comunidade de seres humanos com uma forma e um caráter específicos, uma história específica, uma relação específica com o mundo (NGUGI WA THIONG'O, 1997, p. 16 apud LOTT, 2013, p. 125).

A apropriação da palavra como tentativa de se ocupar uma identidade e cultura privilegiada: um olhar frente à relação entre o negro e a linguagem

Atribuimos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão *para-o-outro* do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 2008, p. 33).

Conforme a citação acima podemos perceber a relevância do fenômeno de linguagem no processo de construção entre outras coisas de uma identidade(s) que se constitui a partir da alteridade, da relação com o outro. Esta construção do eu estabelecida a partir da alteridade é um ponto destacado por diversos estudiosos, como Vigotski, por exemplo, o qual, conforme Ivic defende que:

O ser humano, por sua origem e natureza, não pode nem existir nem conhecer o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma mônada isolada: ele tem, necessariamente, seu prolongamento nos outros (2010, p. 16).

Nesse sentido, e no que tange ao processo de apropriação da linguagem como tentativa de ocupar também uma identidade(s) privilegiada, é interessante atentarmos para os estudos de Fanon acerca da tese de que o negro antilhano será tanto mais branco, aproximando-se assim do homem “verdadeiro”, na medida em que adotar para si a língua francesa, e isso ocorre, pois na perspectiva do autor muito mais que dominar a morfologia, fonologia e sintaxe de uma língua, falar é, sobretudo, “assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. (FANON, 2008, p. 33).

Desse modo, é possível percebermos que não há como desconsiderar na construção de uma cultura ou identidade(s) a relação que se efetiva entre a

língua e os conceitos por ela representados, pois como bem pontua Fanon, possuir a linguagem não se trata apenas de adquirir um código que possibilite a comunicação dentro de uma dada comunidade, mais que isso, “um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa”. (2008, p. 34).

Segundo o autor o negro que durante certo tempo viveu na França, quando retorna, surge radicalmente transformado, e um dos fatores que mais rapidamente denunciam esse processo de transformação certamente é a língua, em que através dela se percebem logo de início no sujeito (negro que viveu na França) algumas peculiaridades com relação aos sons emitidos na intenção de se aproximar/imitar o sotaque metropolitano.

Esperam-no não apenas porque está chegando, mas como quem diz: só quero ver! Um minuto lhes é necessário para fazer o diagnóstico. Se a seus camaradas o recém-chegado diz: “Estou muito feliz em estar com vocês. Meu Deus, como este país é quente, eu não poderia ficar aqui por muito tempo!” — ficamos sabendo, é um europeu que chegou. (FANON, 2008, p. 49).

“A burguesia das Antilhas não fala o crioulo, salvo nas suas relações com os domésticos. Na escola, o jovem martinicano aprende a desprezar o patoá”. (FANON, 2008, p. 35-36). Nessa lógica, podemos compreender o desprezo frente aos dialetos regionais da França metropolitana muito mais que uma repulsa linguística, mas como uma repulsa frente às identidades, valores, culturas e sujeitos que tais dialetos representam.

Assim de acordo com o teórico, nesse contexto, o crioulo, originado por meio do contato entre línguas, quando utilizado é tratado com desdém, “Nas Antilhas não há nada igual. A língua oficialmente falada é o francês. Os professores vigiam de perto as crianças para que a língua crioula não seja utilizada”. (FANON, 2008, p. 42). De modo que essa lógica de repressão linguística se estende até mesmo aos seios familiares, conforme se verifica no poema antilhano abaixo:

Minha mãe querendo um filho memorandum
se sua lição de história não está bem sabida

você não irá à missa de domingo

com sua domingueira
esse menino será a vergonha do nosso nome
esse menino será nosso Deus-nos-acuda
cale a boca, já lhe disse que você tem de falar francês
o francês da França
o francês do francês
o francês francês. (FANON, 2008, p. 36).

No poema acima podemos perceber claramente o processo de imposição de uma língua frente às demais variedades linguísticas, cujo processo de variedade inclusive, compreendido por Labov (2008), Tarallo (1986) e Camacho (2013) como constituinte de um fenômeno natural do sistema linguístico, é totalmente ignorado, pois não basta falar uma variedade linguística do Francês, é preciso que se fale **O francês da França, o Francês do Francês, o Francês Francês**, pois somente assim o outro (Antilhano) conseguirá se aproximar do eu francês.

(FANON, 2008, p. 36). “Sim, é preciso que eu vigie minha alocação, pois também é através dela que serei julgado... Dirão de mim com desprezo: ele não sabe sequer falar o francês!...”. Verificamos aqui que não se trata simplesmente de aprender o código linguístico do francês, é preciso desvencilhar-se da prosódia, da estrutura funcional de sua língua materna, para então se tornar **francês**, pois como pontuado anteriormente a apropriação de uma língua não significa unicamente o agregar de um novo código representativo, mas também a tomada de um conjunto de significados e valores culturais e identitários. “Nada de mais sensacional do que um negro que se exprime corretamente, pois, na verdade, ele assume o mundo branco”. (FANON, 2008, p. 48).

Nas palavras de (FANON, 2008, p. 36). “Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco”. Nesse sentido, percebemos que a apropriação da língua francesa pelo sujeito Antilhano não se restringe como já discutido ao agregar de um novo código linguístico, mas sim a tomada de uma posição de status dentro da comunidade

antilhano, pois por meio do domínio da língua francesa o antilhano se aproxima do eu francês, recebendo uma nova identidade(s) e se tornando “quase branco”.

Assim podemos compreender que o ato de tomar/usar uma língua representa um processo que vai muito além da ânsia pelo domínio de um novo código linguístico, mas significa também “Assumir um mundo, uma cultura”. (FANON, 2008, p. 50). E nesse sentido ao tomar para si a língua francesa o negro antilhano se “despe” de sua língua materna, e conseqüentemente das representações constituídas e resguardadas por esta língua, almejando para si não somente a língua do homem branco, mas todos os valores e significados culturais e identitários resguardados por ela, aproximando-se dessa forma do eu francês.

Segundo (FANON, 2008, p. 40).

Conhecemos no passado, e, infelizmente, conhecemos ainda hoje, amigos originários do Daomé ou do Congo que declaram ser antilhanos. Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais “evoluído” do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco.

Desse modo, podemos, portanto concluir reiterando que a apropriação de uma língua muito mais que o assumir de um novo código linguístico, configura também uma tentativa de ocupar uma identidade(s) **privilegiada**, pois como pontua Fanon, falar uma língua significa assumir um mundo e uma cultura, e é exatamente em busca dessa cultura e identidade(s) **privilegiada** (do sujeito francês) que o negro antilhano assume para si a língua francesa, tendo em vista que “O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem”. (FANON, 2008, p. 50).

Considerações finais

Ao longo deste estudo buscamos demonstrar por meio dos trabalhos desenvolvidos por Labov (2008) e Fanon (2008) que existe de fato uma relação entre língua e identidade(s), entendendo que o próprio conceito de linguagem

compreendido na perspectiva de Hall (2016) como um repositório de valores e significados culturais, por si só já sinaliza uma proximidade entre os conceitos de língua e identidade(s), tendo em vista que o segundo embora não exista unicamente a partir do primeiro, é representado e constituído (mesmo que não exclusivamente) a partir dele.

Assim nos foi possível verificar na pesquisa desenvolvida pelo sociolinguista William Labov um estudo voltado não unicamente para o processo de análise e descrição linguística, mas em consonância com o pesquisador, percebemos o processo de alteração, centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ como uma forma de resistência e marcação de uma identidade linguística local frente às incursões dos veranistas.

Em consonância com isso também verificamos em Frantz Fanon o processar da relação entre língua e identidade(s), entretanto diferentemente do que se apresenta em Labov cujo aumento na centralização dos ditongos representa uma forma de resistência e marcação de uma identidade(s) local frente aos avanços dos veranistas, em Fanon verificamos não a tentativa de se manter uma identidade(s), mas sim de adentrar e ocupar uma identidade e cultura **privilegiada**.

Sendo que fazendo uso da língua francesa o negro antilhano não apenas assume um novo código linguístico, mas assume, e almeja aproximar-se do eu francês, culminando com o que pontua Fanon ao destacar que falar uma língua é assumir um mundo e uma cultura, suportando o peso de uma civilização. Nesse sentido, entendemos que no caso do antilhano o assumir de uma nova língua dentre outras possibilidades representa, portanto também a ânsia de assumir uma nova identidade(s), que por sua vez, se encontra numa posição **privilegiada**.

Diante disso, podemos então concluir que há uma relação íntima entre língua e identidade(s), e ao mesmo tempo que essa relação constitui-se de modo ininterrupto, sendo que por meio da língua(gem) tem-se a possibilidade de se construírem identidades, preservá-las, assumi-las e até mesmo impô-las, tendo em vista que como outros conceitos frutos de uma convenção humana, assim também é a identidade uma construção histórica e socialmente criada pelo homem por meio da linguagem, pois “a identidade só nos é revelada como

algo a ser inventado e não descoberto [...] como uma coisa que ainda se precisa construir”. (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

CONNECTIONS BETWEEN LANGUAGE AND IDENTITY: A LOOK AT LABOV'S STUDIES IN MARTHA'S VINEYARD ISLAND, AND THE RELATIONSHIP BETWEEN BLACK AND LANGUAGE IN FRANTZ FANON

Abstract: Considering that the phenomenon of language is a repository of values and cultural meanings as Stuart Hall points out (2016), the present study aims to demonstrate the existence of an intimate relationship between language and identity, starting from the works developed by Labov (2008) in the period 1991/1992 on the island of Martha's Vineyard, and Frantz Fanon (2008) on the relation between black and the language discussed in one of the chapters of the work *Black skin, white mascara*. The studies of Bauman (2005), Fanon (2008), Gusdorf (1976), Hall (2006) (2016), Labov (2008) and Lott (2013) are taken as contributions to the discussions. Thus, one could therefore perceive that the frontiers that segregate the study of language and identity are considerably tenuous, since identity marks are also sheltered in the language. In this way, it is possible to verify that there is in fact an intimate relationship between language and identity evidenced both in Labov (2008) and Fanon (2008), where respectively the process of centralization of the diphthongs a and / represents a movement of resistance and preservation of a linguistic identity, and the appropriation of the French language by the black Antillean much more than the taking of a new linguistic code represents the attempt to occupy a culture and **privileged** identity.

Keywords: Language. Identity. Confluences.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CARTE de la baie du Massachusetts. [S.l.], 2005. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Baie_du_Massachusetts#/media/File:Cape_Cod_Bay_map.png> Acesso em: 16 ago. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUSDORF, George. **A fala**. Trad. João Morais Barbosa. Paris: Universitaires de Frances, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e Representação**. Trad. Daniel e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IVIC, Ivan; Edgar Pereira Coelho (org). **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOTT, Tiago Horácio. **Ngugi wa Thiong'o**: a literatura afroeuropéia e a escritura em gikuyu. *Rónai: revista de estudos clássicos e tradutórios* – 2013 v1. N.2 p. 119-130.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

Data da Submissão: 05/09/2018
Data da Aprovação: 17/12/2018